Ambiente & Educação
Revista de Educação Ambiental

E-ISSN 2238-5533
Volume 26 | nº 2 | 2021
Artigo recebido em: 23/09/2021
Aprovado em: 29/12/2021

Samuel Crissandro Tavares Ferreira
[Bacharel e Licenciado em História pelo Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI - FURG). Mestre em Educação pelo Program de Pós-graduação em Educação. (PPGEDU - FURG). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA - FURG). Integrante do Grupo de Pesquisa Dinâmicas, Política, Estado e Movimentos Sociais (DIPEM - FURG). Bolsista Capes - DS].
ORCID ID: https://orcid.org/0000-0002-8400-1291

Alisson Souza Corrêa
[Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação - FURG na Linha de Formação de Professores e Práticas Educativas. Possui graduação em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande (2019)].

Vânia Alves Martins Chaigar
[Professora associada da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Possui graduação em Geografia (1990), especialização (1995) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (2001); doutorado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008) e pós-doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2011). É coordenadora do Grupo de Pesquisa "Rede de estéticas, culturas e formação na/da cidade - RECIDADE"].

COMORBIDADES SOCIOAMBIENTAIS PARA A CONDIÇÃO JUVENIL: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E POPULAR COMO ENFRENTAMENTO DA JUVENTUDE À PANDEMIA E AOS DEMAIS FLAGELOS DO CAPITAL

Social and Environmental Comorbidities for the Youth Condition: environmental and popular education as a way for young people to face the pandemic and other scourges of the capital

Resumo

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia global de Covid-19 devido ao aumento no número de casos e a disseminação da doença em todos os continentes, com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. A pandemia é mais um elemento da atual crise ecológica, que se configura como um dos desafios centrais que se colocam como problemas estruturais para a sociedade e nesse caso específico, para a juventude na atualidade. Pesquisadores (KRISHKE, 2000; GROPPO, 2004; CARVALHO, 2004) vem apontando que a preocupação dos jovens com as questões ambientais e com a luta ambiental, poderá estar constituindo uma nova cultura política entre esses sujeitos sociais (DAYRELL, 2000). Dessa forma, o presente artigo levanta algumas reflexões referentes à *experiência* (THOMPSON, 1987; VENDRAMINI, 2004), para fazer um debate na perspectiva de que os movimentos, e manifestações organizados pela juventude podem estar nos deixando vestígios importantes (e desperdiçados) para a construção de uma educação ambiental e popular que conteste as injustiças ambientais e as desigualdades socioeconômicas (ACSELRAD, 2001; KRENAK, 2020), aprofundadas pela pandemia do Covid-19.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Juventude; Ecologia; Educação Popular; Pandemia.

Abstract
On March 11, 2020, the World Health Organization (WHO) declared a global pandemic status of Covid-19 due to the increase in the number of cases and the spread of the disease on all continents, with sustained transmission from person to person. The pandemic is one more element of the current ecological crisis, which is configured as one of the central challenges that are posed as structural problems for society and, in this specific case, for today's youth. Researchers (KRISHKE, 2006; GROPPO, 2004; CARVALHO, 2004) have pointed out that the concern of young people with environmental issues and the environmental struggle may be constituting a new political culture among these social subjects (DAYRELL, 2000). Thus, this article raises some reflections regarding the experience (THOMPSON, 1987; VENDRAMINI, 2004), to debate the perspective that movements and demonstrations organized by youth may be leaving important (and wasted) traces for construction. of environmental and popular education that contests environmental injustices and socioeconomic inequalities (ACSELRAD, 2001; KRENAK; 2020) deepened by the Covid-19 pandemic.

Keywords: Environmental Education; Youth; Ecology; Popular Education; Pandemic.

> *Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. (Epístola de Tiago Capítulo 5, versículo 4)*
>
> *Eu queria ser rapper. Escrevia me esforçava. Não ia, não aparecia nada. Quando chegou 2012, a barriga começou a roncar mais alto que o sonho, subi em cima da moto e fui trabalhar. Sofri dois acidentes graves e falei, "não vou mais arriscar minha vida para ficar enchendo o bolso de patrão.". Fui ser camelô, repositor de mercado, fazer outras coisas. Quando minha filha nasceu em 2017, me mandaram embora e me desesperei. Decidi voltar a trabalhar com moto, mas quando fui ver não tinha mais trampo de moto, o que tinha era aplicativo. (Paulo Lima "Galo", Entregadores Antifascistas)*

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

A discussão proposta neste artigo vem correlacionar e permitir um diálogo entre três pesquisas sobre juventude. A primeira delas é em nível de

mestrado, está finalizada e problematiza a contribuição da educação popular para as manifestações juvenis na cidade, no urbano[1]. A segunda que está em andamento, investiga as problemáticas enfrentadas por juventude escolar em tempos de pandemia e "afastamento social" na cidade do Rio Grande - RS[2]. A terceira, que está em andamento no nível de doutorado, investiga a condição ecológica juvenil no comparativo entre jovens urbanos e rurais[3], problematizando suas experiências, expectativas e movimentos para compreender suas ações ecológicas e/ou relacionadas com o meio ambiente.

De igual forma, apontamos outros casos que sinalizam a importância da experiência da juventude, em âmbito global e nacional, materializando uma resistência considerável em meio as crises do capital, ecológica, sanitária e que se aprofunda ao passo em que a pandemia de covid-19 avança e não encontra resistência eficaz por parte de Estados capitalistas que já operam um projeto de precarização da vida, de políticas de austeridade e de retiradas de direitos, estabelecendo um contexto de vulnerabilidades socioeconômicas e de miserabilidade para as camadas populares desamparadas e suscetíveis. Essas mesmas camadas populares desamparadas são formadas também por um "exército" de jovens que esbarram diariamente com a informalidade, o desemprego, a violência e a falta de perspectiva no porvir.

Cabe ressaltar que a juventude marca um lócus importante no contexto nacional, se configurando dessa forma uma categoria social e histórica (GROPPO, 2004) assim como da mesma forma é e está colocada como sujeito social (DAYRELL, 2003). Portanto, compreendemos que entre os grupos juvenis e grupos de juventudes, há muitas disputas sobre o conceito de se "ser jovem" e nesse movimento que é heterogêneo e diversificado, há de se considerar inúmeras outras questões como territorialidade, gênero, classe, etnia, cultura, espiritualidade, desenvolvimento técnico, sentimento próprio,

[1] E Se a Cidade Fosse Nossa: A Educação Popular Contribui na Emancipação da Juventude na Cidade? (2018a). Dissertação da pesquisa que realizei durante o mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEDU – FURG).

[2] Juventudes (escolares) em tempo de afastamento social: estudos de casos na cidade do Rio Grande, RS, pesquisa que se encontra em desenvolvimento pelo Grupo de Pesquisa Redes de Cultura, Estética e formação na/da cidade – Recidade.

[3] Projeto da pesquisa de doutoramento que está em curso no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA – FURG).

vontades, símbolos e nesse caso em específico, a realidade urbana e rural (BARCELLOS et al, 2021, p. 48).

Nesse viés, reforçamos a importância de compreender perspectivas teórico-metodológicas em Paulo Freire, que consigam potencializar e organizar um projeto de educação popular e ambiental par a juventude urbana e rural. O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão e um debate que nos auxilie organizar possibilidades para além de uma educação para a dominação em si, para construirmos uma educação que ressignifique a humanidade desses sujeitos, ou seja, que permita à juventude visualizar um processo educacional de transformação, para além da adaptação, do convencimento e da falsa generosidade projetada pelos opressores e pelo sistema em si:

> Na verdade, o que pretendem os opressores "é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime", e isto para que, melhor adaptando-os a essa situação, melhor os dominem (...) Na verdade, porém os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em "seres para outro". Sua Solução, pois, não está em "integrar-se", em "incorporar-se" a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se "seres para si". (FREIRE, 2016, p. 108 -109).

Destacamos também a compreensão que temos de Educação Popular a ser perseguida e construída, ou seja, uma educação que possua um direcionamento para a "perspectiva da emancipação humana", que tenha relação com a "totalidade social" e um compromisso com "proposições educativas ligadas ao trabalho e não com o capital" (PALUDO, 2013). Pensamos com base na produção existente sobre tal temática, que a Educação Popular tenha que ser objetivamente uma proposta que vá contra o silenciamento e a invisibilidade criada para os grupos populares, assim como de suas culturas, questões sociais e políticas (ESTEBAN; TAVARES, 2013) e que desnaturalize as desigualdades sociais, as enfrente de frente e entenda que possam ser superadas, pois são produzidas socialmente ao passo que suas injustiças se aprofundam (MEJÍA, 2013)

Por Educação Ambiental compreendemos o que Loureiro e Layrargues (2013) confirmam como uma Educação Ambiental Crítica, numa linha que perspective a transformação do modelo de sociedade existente. Da mesma

forma destacamos as contribuições desenvolvidas para uma Educação Ambiental para a Justiça Ambiental (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009) e uma concepção de relação com o meio ambiente diferente da atual que é destrutiva, etnocida e que produz profundas extinções. Da mesma forma, compreendemos que uma concepção de educação ambiental que consiga superar os problemas causados pelo atual sistema neoliberal, deva ser construída por "saberes ambientais" diversos (LEFF, 2015) e que enfrente o acúmulo desigual de riqueza (LÖWY, 2000).

Após os apontamentos anteriores das concepções que serão suleadoras[4] dos principais contextos, é preciso ressaltar que por mais que haja uma complexa conjunção de elementos e características que configuram as juventudes (BOURDIEU, 1983), a reflexão aqui proposta assume a condição juvenil ou os jovens como uma categoria social e histórica (GROPPO, 2015), composta de experiências e potencialidades (WELLER, 2011) e de limitações próprias do atual período histórico e político.

Contudo, destacamos que as principais problemáticas e dificuldades vivenciadas pela juventude ocorre por uma "nova modulação, global, baseado numa "acumulação flexível" geradora de desemprego estrutural, decomposição social e destruição ecológica" (GROPPO, 2004). No caso brasileiro, vivenciamos, de forma especial nos últimos cinco anos, um retrocesso muito grande na estrutura política e governamental, com ascensão de partidos políticos de direita e de extrema direita ao controle das instituições governamentais. Desse modo no âmbito das políticas públicas os cortes orçamentários foram realizados rapidamente, entrando em curso políticas de austeridade e de precarização da vida, principalmente da população mais pobre.

Esse golpe foi sentido principalmente pela juventude, nas políticas educacionais, culturais e que permitiam a garantia de emprego minimamente

[4] Como contraponto ao "nortear", cujo significado é a dependência do Sul em relação ao Norte, "sulear" significa o processo de autonomização desde o Sul, pelo protagonismo dos colonizados, na luta pela emancipação. Implica uma ação autônoma desde o Sul, enfrentando a integralidade das questões presentes na colonialidade do saber e do poder que tem a ver com um outro projeto de vida envolvendo a cultura, a economia, a política, a ciência e outras dimensões. (ADAMS, 2010, p. 386).

digno para esses jovens. Essas mudanças que ocorreram e as que estão em curso, produziram muitas transformações na realidade desses sujeitos:

> É oportuno, por exemplo, explicitar que na contemporaneidade a juventude vive profundas mudanças em diferentes esferas da vida, das quais algumas estão diretamente vinculadas aos impactos dos processos sociais em curso. Particularmente, as mudanças no mundo da família e do trabalho com seus impactos em distintas dimensões da vida individual e social são vividos, sobretudo pelas juventudes em contextos urbanos. (WELLER, 2006, p.44).

Certamente que a constatação de uma juventude urbana e das grandes cidades gera bem mais interesse por parte das entidades governamentais, pela discussão e pesquisa acadêmica e por outras organizações que possuem a juventude como alvo. Porém temos cada vez mais que olharmos para as experiências da juventude rural, que carrega em si muitas características imprescindíveis para a reorganização da realidade social, política, econômica e ecológica:

> Contudo, os movimentos sociais rurais, são, hoje, palco do surgimento de novos organizações de juventude como ator político. Isto é fortemente observado em movimentos como o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), no Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais e em organizações religiosas evangélicas e católicas. Embora esse tipo de articulação não seja novidade – juventude rural ao longo da história e em muitos países foi uma categoria ordenadora de organizações de representação social – hoje estamos testemunhando uma reordenação desta categoria. Em comum, uma juventude rural que ainda se confronta, como "classe object" (Bourdieu, 1977), com imagens "urbanas" sobre o campo. Esse jovem rural se apresenta longe do isolamento, dialoga com o mundo globalizado e reafirma sua identidade como trabalhador, camponês e agricultor familiar, acionando diversas estratégias de disputa por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos. (CASTRO, 2009, p.183).

Consideramos que a relação entre a juventude rural e urbana como "amostra" para compreender o processo socioambiental em nossa sociedade é imprescindível, tendo em vista que nos anos anteriores, esses sujeitos foram decisivos na construção de uma sociedade mais crítica, menos desigual e poderá se tornar uma organização mais significativa, no sentido de grupo social, que possibilite a superação dos retrocessos que estamos vivenciando.

Nessa senda, ressaltamos as movimentações e experiências da juventude que sentem na pele as dificuldades impostas pelas desigualdades socioeconômicas e pelas injustiças socioambientais.

Ao levantar a bandeira da "Greve Climática" a adolescente Greta Thunberg faz reverberar desde a Suécia, um grito que há anos vem tentando alcançar volume suficiente para que possa "tocar" nos ouvidos, corações e nas mentes das grandes empresas, dos conglomerados financeiros, dos governantes e da população mundial. Na própria indignação adolescente de Greta e de outros sujeitos jovens preocupados com a "herança" problemática que lhes foi entregue, resultado da industrialização do mundo e do planeta, o lema "Não matem as próximas gerações" vem tomando força em vários lugares do mundo (ALVES, 2020). Portanto, por mais que os problemas causados pela mudança climática sejam tratados com muito descaso e como abstração[5] pelos governos mundiais e as empresas, milhares de pessoas, afetadas diretamente ou não pela crise ecológica, tem se organizado para denunciar a destruição socioambiental e ecológica (LOOSE, 2019) e reivindicar novas relações sociais e paradigmas menos violentos.

Diante disso, temos como hipótese central da discussão que propomos neste trabalho , que as manifestações, movimentos e coletivos que se organizam em prol da questão ambiental (e da luta ambiental), reorganizam e reatualizam a dimensão do *saber ambiental* (LEFF, 2015) e propõe de certa forma, pelo viés ecológico, uma nova "cultura política" (KRISHKE, 2006; SILVA, 2016) do que temos chamado de "condição juvenil ecológica", inspirado por Gonçalves (2000) que faz uma reflexão profícua sobre a condição ecológica disseminada entre diferentes sujeitos e grupos .

Entendemos que vivenciamos não somente uma situação pandêmica, ligada uma disseminação de uma pandemia desassociada de uma questão

[5] Ao contrário da mobilização mundial que ocorre para enfrentar a pandemia do Covid-19 (um risco percebido como mais controlável e palpável), as mudanças climáticas não tiveram ainda planos de ações emergenciais ou medidas efetivas de contenção dos gases de efeitos estufa, responsáveis pela intensificação do problema, apesar das quatro décadas em que já sabemos de seu potencial destrutivo. A crise climática continua sendo vista como uma abstração, embora a maioria dos cientistas do mundo apontem para um cenário dramático que necessita de mitigação e adaptação desde agora. (LOOSE, 2019).

mais ampla. Entendemos que vivemos em um contexto de crise econômica mundial, que se acopla com inúmeras outras crises, como a crise sanitária (impedindo que milhares de pessoas mundo tenham acesso a saneamento básico, água encanada e outros serviços), a crise política (que impede uma gestão democrática e humanizadora para as sociedades) e a pandemia de Covid-19 que potencializa e aprofunda as dificuldades já existentes, ao passo que desnuda as abissais desigualdades da sociedade capitalista (FONTES, 2016).

Nessa mesma linha, a crise ecológica também se acentua e coloca também para a nossa sociedade, inúmeros desafios que dizem respeito ao "funcionamento" da vida no planeta (LEFF, 2015). Esses desafios e problemas que impulsionam a crise ecológica mundial, são geradas e se perpetuam através da lógica produtivista, que produz as desigualdades socioeconômicas e as injustiças ambientais (ACSELRAD, 2009). O recorte feito para a juventude brasileira sobre as vivências nessa crise são imprescindíveis para que possamos compreender esse momento, assim como também poderemos compreender a atuação dos jovens (como sujeitos sociais) na atual conjuntura. A juventude cada vez mais sofre os efeitos dessa crise ecológica, assim como também sente os resultados de outros problemas estruturais como o desemprego, a falta de acesso a saúde e/ou educação de qualidade.

Tais problemas são gerados pela modulação global que o capitalismo realiza em nossa sociedade, em busca do lucro, do acúmulo de riqueza nas mãos de poucos, aprofunda-se a decomposição social, baseadas na destruição (crise ecológica) e desemprego estrutural (GROPPO, 2004). É preciso reconhecer que muitos dos "avanços" conquistados nos últimos anos na sociedade brasileira sofreram estagnações e retrocessos pelas crises já supracitadas. Tais dificuldades causadas pela crise econômica e política na atualidade, reorganizam entre as juventudes muitas dificuldades nos campos objetivos e subjetivos, o que torna importante um estado da arte acerca da juventude na conjuntura atual (SPOSITO, 2017).

Compreendemos que a pandemia de modo geral, não inaugurou nenhum dos problemas existentes em nossa sociedade, mas o despreparo e o

descaso com o avanço do vírus permitiu com que milhares de pessoas no mundo inteiro, fossem afetadas pelo covid-19. Logicamente que as mais afetadas, são as populações mais vulneráveis, e dentre desses grupos muitos são jovens (OIT, 2020).

"A JUVENTUDE QUER VIVER, DERRUBAR O PRESIDENTE E VER O POVO NO PODER!"[6]: RESISTÊNCIA AMBIENTAL JUVENIL NA PANDEMIA

Nesse ano de 2021, a juventude do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra organizou a 12° Jornada Nacional da Juventude Sem Terra, evento que visou construir e potencializar ações de solidariedade e resistência nesse contexto de retrocessos para a população brasileira e todas as problemáticas causadas pelo avanço da pandemia no Brasil. Para a juventude do MST, a Jornada é extremamente importante, pois reforça a luta e resistência contra a precariedade da vida, contra as políticas de austeridade e a destruição ecológica que retira dos povos, entre outras coisas, a soberania alimentar. Sobre as atividades realizadas pelos jovens do movimento destacamos que:

> Nos acampamentos, assentamentos, escolas, nas redes e em todos os territórios de resistência, a juventude estará organizada, denunciando os retrocessos do governo Bolsonaro, contra o aumento no preço dos alimentos e de todos os cortes que intensificam e precarizam mais ainda a vida do povo brasileiro. Serão realizados mutirões de plantio de árvores, doações de sangue, de alimentos, agitação e propaganda nos territórios e nas redes, organização de bibliotecas populares e outras atividades que somam como ações simbólicas e de solidariedade, divulgando e propagando a reforma agrária popular para a sociedade e o conjunto da classe trabalhadora. (SOUZA, 2021).

Nesse ínterim, a resistência que a juventude apresenta com essas propostas para o contexto de nossa sociedade é potente, porém invisibilizada. Com o avanço da pandemia de Covid-19, os problemas já enfrentados pela juventude, tanto do campo quanto da cidade, se aprofundaram. Cresce a informalidade, o abandono dos estudos, a saúde mental é abalada, o pessimismo quanto ao futuro cada vez mais real. De certa forma, já sabemos que as dificuldades crescem e se aprofundam quando observamos os jovens das classes mais vulneráveis social e economicamente de nossa sociedade.

[6] Lema da 12° Jornada Nacional da Juventude Sem Terra. Brasil, 11 a 14 de agosto de 2021.

No entanto, entrevistada sobre a real condição da juventude brasileira e os desafios do porvir, Jailma Lopes do Coletivo Nacional da Juventude Sem Terra, nos salienta que os problemas são grandes, mas a juventude está resistindo e precisa resistir:

> A crise estrutural do capitalismo e a escalada genocida do governo Bolsonaro coloca um cenário total de precarização da vida da classe trabalhadora. São mais de 560 mil mortes, somadas a inúmeros ataques à educação pública, ao desemprego, a fome, violência e à brutal ofensiva contra a terra e os bens da natureza. Não há alternativa para juventude nesse presente que não seja a luta, organização e construção de alternativas concretas a esse cenário. Por isso, temos apontado que não podemos nos calar, e precisamos denunciar quem são os responsáveis pelas atrocidades que o povo está submetido. A centralidade do período é a luta ideológica, o trabalho de organização popular e a solidariedade, que experimente as diversas formas de fazer a luta, e recoloque ainda no presente a possibilidade de esperançar um mundo novo. (SOUZA, 2021).

Nas pesquisas realizadas sobre o interesse da juventude acerca dos problemas socioambientais e ecológicos (KISHKE, 2016), demonstra que entre 2003 e 2013 há um aumento considerável nas preocupações da juventude com as questões de meio ambiente, ecológicas ou socioambientais[7]. Logicamente que mesmo percebendo que a destruição ecológica é um problema evidente, a juventude só foi começar a se preocupar em organizar ações e propor soluções para os problemas socioambientais há pouco tempo, e podemos compreender um determinado “amadurecimento” entre os jovens, como se estivesse crescendo uma responsabilidade pelas questões de cunho socioambiental sob suas costas, sem que possam postergar.

Jailma Lopes, afirma que as dificuldades vivenciadas pelos jovens da classe trabalhadora (que mais sofre com os problemas da crise econômica, sanitária e política) são nevrálgicas, e será preciso superar as ingenuidades

[7] Por meio dos estudos aqui apresentados, é possível inferir que as preocupações socioambientais dos jovens vêm revelando crescente interesse deles pelo tema, ainda que secundarizado em relação aos problemas sociais, que se mostram mais urgentes e imediatos quanto à necessidade de resolução. Porém, mesmo que as citadas investigações tenham apontado demandas que estariam na ordem do dia das preocupações desses jovens, a maioria de tais pesquisas não expressa interesse específico em torno da relação juventude e meio ambiente. Isso aponta para a necessidade de melhor qualificação da importância dada pela parcela jovem da população à questão socioambiental. (KISHKE, 2016).

para construir um outro mundo, uma outra sociedade. E nesse viés destaca pontos importantes para a juventude pautar, na construção de uma alternativa menos desigual:

> A classe trabalhadora e a Juventude se organizam a partir das suas necessidades, mas, sobretudo, pelo que dá sentido às suas vidas. Manter a juventude organizada, portanto, é fazer com que a organização e o sentido das suas vidas façam parte de uma mesma construção. Para tanto, precisamos construir uma organização que dê sentido as suas necessidades, ao corpo, à alma e à mente. Por isso, temos nos organizado partir: **1) da organização do trabalho e da renda; 2) agroecologia; 3) a arte, cultura e a comunicação; e 4) a organização da educação**. (SOUZA, 2016, grifos dos autores).

A partir dessa afirmação feita por Jailma Lopes, com base nas movimentações organizadas pela juventude do MST, entendemos que a construção de uma educação ambiental e popular para um próximo ciclo de lutas e disputas em nossa sociedade, deve "dar sentido" para a vida dos jovens do campo e da cidade, o que significa ser construída com e pelos jovens. A organização do trabalho e renda, a dimensão socioambiental, as relações com a educação e as perspectivas culturais e/ou artísticas devem estar de acordo com as demandas dos e das jovens. Compreender dessa forma é ratificar a condição juvenil como protagonista, algo que sempre aparece nos acordos e documentos institucionais, mas que dificilmente se concretiza. Políticas Públicas e ações para a sociedade não se fazem somente por adesão, mas, sim, com construção, reconhecendo os sujeitos como capazes de sua própria transformação.

A JUVENTUDE PAGARÁ A CONTA? DESAFIOS ECOLÓGICOS PARA A JUVENTUDE

Juventude e Questões Socioambientais

Uma recente pesquisa da OXFAM, aponta para uma desastrosa situação pela qual a juventude em São Paulo está passando, com problemas referentes a desigualdade socioeconômica aprofundada pela pandemia de covid-19. A Oxfam Brasil, em parceria com o coletivo TV Doc Capão, produtora de vídeos do Capão Redondo, zona sul de São Paulo, lançou em março de 2021 o documentário curta-metragem *A Conta Fica para a Juventude*, com depoimentos de jovens de periferias de São Paulo sobre o impacto da pandemia de covid-19 em suas vidas e como as crises sanitária e econômica

ameaçam o futuro da sociedade como um todo (OXFAM, 2021). Em entrevista, a coordenadora de Juventudes, Raça e Gênero, Tauá Pires, fez algumas afirmações imprescindíveis sobre os dados da experiência da juventude com a pandemia:

> Um aspecto que o documentário trata sobre a juventude, para além de tudo que já sabemos sobre as desigualdades e o retorno da fome, é o impacto na saúde mental. (…) São vários medos, do que vai acontecer com a vida deles, da incerteza do futuro e o medo de contaminar outras pessoas se pegar o vírus. (SANTOS et al, 2021).

Aqui destacamos as dificuldades que estão sendo geradas na materialidade, na dificuldade de se consolidarem como sujeitos dignos nessa sociedade, mas, também, os efeitos que essa incapacidade tem gerado na saúde mental desses sujeitos. Assim como aumentam as sobrecargas dos jovens em situação de maior vulnerabilidade.

> Quando estamos falando de jovem não são somente aqueles ligados ao esporte, os que assistem um filme à tarde, mas essa juventude que tem filhos, que trabalha, que está constituindo família. Pelo que estamos acompanhando, as jovens mulheres acabam tendo uma sobrecarga e uma desvalorização, porque não se olha a economia do cuidado como algo fundamental. (SANTOS *et al*, 2021).

O momento que estamos vivenciando é comprometedor do vivido bem como do concebido, pois o que “estamos vendo, de maneira dramática, uma geração inteira de jovens sofrendo com diferentes desigualdades, e essa situação foi ampliada pela pandemia. Os jovens estão impedidos de construírem planos de futuro e sonhar” (PIRES apud SANTOS, 2021), e essa desigualdade aprofundada será sentida por muito tempo pela juventude e ecoará por toda nossa sociedade.

Trazemos recortes de pesquisas com intuito de potencializar a reflexão acerca das dificuldades vivenciadas pelos jovens. no contexto nacional, elucidando que por mais que a juventude já vicencie as dificuldades da crise econômica estabelecida pela lógica capitalista, através da crise ecológica e do avanço da pandemia de covid-19, aumentaram ainda mais os problemas sociais, os distanciamentos econômicos e de classe, potencializando mazelas

dessa camada da sociedade que vive à margem. Na sequência, apresentamos algumas pesquisas que acompanharam e acompanham a realidade da condição juvenil, com intuito de compreender barreiras e desafios impostos pelas desigualdades socioeconômicas, pelas injustiças e conflitos ambientais e pela pandemia atual.

E SE A CIDADE FOSSE NOSSA: A EDUCAÇÃO POPULAR CONTRIBUI NA EMANCIPAÇÃO DAS JUVENTUDES DA CIDADE?

Em relação da cidade do Rio Grande, RS, em específico (FERREIRA, 2021), quando desenvolvi a pesquisa sobre juventude e cidade, compreendi que eram muitos os descaminhos, desvios, “rolês” e “bicos” (PAIS, 2005), em prol da sobrevivência ou simplesmente de uma legitimação de suas próprias identidades. Na construção de suas vidas, e para além disso, na sobrevivência mesmo, muitas são as desventuras e problemáticas observadas. Os jovens em Rio Grande, principalmente os das camadas populares, vivem sob um contexto servil e não emancipador. Suas questões são diversas, suas angústias também, porém há vontade de sobra de se organizarem coletivamente e politicamente, de buscarem um emprego melhor almejando uma condição socioeconômica melhor para eles e para suas famílias, assim como em relação a entrada em universidades e faculdades que almejam, sobretudo, para que haja uma melhoria em suas vidas nas questões econômicas.

Nesse ínterim foram apontados alguns problemas centrais tais como **1**) o desemprego e a falta de empregos formais para os jovens; **2**) a falta de cursos de educação popular que desenvolvam reforço escolar ou melhoria específica para população que precise de determinada formação específica; **3**) o racismo como problema central de estruturação da sociedade e na cidade; **4**) o machismo e outras questões do “patriarcado”, que fazem a cidade mais violenta para as mulheres e jovens mulheres; **5**) a falta de bolsas e benefícios sociais para os jovens que entram na universidade e que são componentes das camadas populares; **6**) a falta de espaços públicos que fossem “praticáveis” para a juventude. Espaços que favorecessem e incentivassem mais a prática de esportes, eventos literários, musicais (culturais) (FERREIRA, 2018).

A partir dessas questões os jovens da cidade começam a questionar a cidade e suas problemáticas verticalizadas, desiguais e também violentas (seja física ou simbólica) e partem para uma organização, segundo o que sistematizei e analisei através dos indicadores emancipatórios (STRECK; ADAMS, 2014), de uma postura que lhes faça emergir de seus problemas. E por isso esses jovens, que na sua maioria são os de baixo[8], das camadas populares mais pobres, insurgem, rebelam-se e não aceitam a condição de "coisas", negando sua coisificação e partindo, como diria Freire (2016), para uma humanização. Rejeitam suas condições de cidadãos "pela metade" e, no meu entendimento, negam, também, o processo de "deficientes cívicos" (SANTOS, 1999), como alguns lhes atribuem, e começam o processo de construção de sua emancipação política e emancipação humana (MARX, 2010).

Algumas problemáticas da juventude certamente destoam de lugar para lugar, de classe para classe e tempo para tempo, mas entendo que há as dificuldades que são centrais para a maior parte da juventude nos dias atuais. O exemplo de minha dissertação de mestrado, na amostra local/municipal me permitiu coletar e analisar problemáticas, resistências e ações que nos levaram a uma maior consciência de que uma parte desses sujeitos possui como experiência no cotidiano da cidade, e nesse processo, fui levado a compreender que a relação da educação e da educação popular em si, está conectada também com o processo de emancipação dos jovens no urbano.

JUVENTUDES (ESCOLARES) EM TEMPO DE AFASTAMENTO SOCIAL: ESTUDOS DE CASOS NA CIDADE DO RIO GRANDE, RS

Trazemos nesta seção fatias da pesquisa "Juventudes (escolares) em tempo de afastamento social: estudos de casos na cidade do Rio Grande, RS", para conferir corporeidade a questões levantadas anteriormente em relação a

[8] O historiador inglês Edward Palmer Thompson (1987), através da "history from below" (história vista de baixo), dedicou-se a pesquisar e trabalhar em prol de uma História que não contemplasse mais somente as elites e os grandes heróis, símbolos da nobreza e da burguesia, mas através do marxismo, abriu um caminho para o entendimento historiográfico das camadas populares ignoradas, silenciadas e marginalizadas.

condições econômicas, sociais, políticas, emocionais agravadas neste período pandêmico, de modo especial junto a crianças e jovens. No ano de 2020, logo após a suspensão de aulas presenciais nas escolas e universidades brasileiras, intencionamos nos aproximar de estudantes do ensino médio da rede pública do Rio Grande, RS, de modo mais específico. Questionávamos: Como estarão desenvolvendo suas sociabilidades e interações? Que sentimentos desenvolvem em meio a enormes restrições? O que pensam sobre as aulas remotas ofertadas pela esfera pública estadual? O que têm a dizer a professores e formuladores de políticas públicas? O que esperam do mundo adulto e responsável após a pandemia? Meninos e meninas são afetados da mesma maneira? Essas e outras questões estão no cerne da investigação, cujos objetivos são: levantar e compreender narrativas juvenis em tempos de excepcionalidade e restrições espaciais, sociais, econômicas; produzir conhecimento a partir de narrativas de juventudes que auxiliem professores formadores, gestores de escolas e de políticas públicas a se balizarem e agirem levando em conta essas demandas. O estudo prevê três anos de coleta e análises de dados (2020-2022), sempre com estudantes do ensino médio público.

Como metodologia apostamos em estudos de casos múltiplos (YIN, 2005) cuja abrangência é a totalidade das escolas da rede estadual de ensino médio que perfaz treze (13) unidades na cidade. Em 2020 (primeira etapa da pesquisa) tivemos como instrumento principal formulário google emitido a estudantes cujos professores fazem parte de nossa rede de parceiros e se colocaram como mediadores. Nesse período tratou-se mais de um ensaio no qual aprendemos melhor como lidar com este tipo de pesquisa, realizada de forma remota. Já tínhamos claro que muitos não seriam alcançados tendo em vista a fragilidade e/ou ausência de aparatos tecnológicos nesses grupos. A pesquisa indicou que 74% acessava pelo celular e 5% não dispunha de internet em casa e outros ainda partilhavam o suporte tecnológico com outras pessoas (11%). Na continuação da pesquisa em 2021 observamos que a situação se manteve, pois um grande número de estudantes continua a acessar as atividades pelo celular (74,7% dos pesquisados), compartilha computador com

outras pessoas (6% dos pesquisados), sendo que 52% dos estudantes relatam acompanhar parcialmente as aulas ou não conseguir acompanhá-las.

No ano de 2021 (segunda etapa da pesquisa) alteramos estratégias, elaboramos cartas explicativas para professores visando aumentar parcerias, entramos em contato com a 18ª Coordenadoria Regional de Educação, abrimos um canal de comunicação no site do nosso grupo de pesquisa e buscamos alcançar, mediante a metodologia da "bola de neve" (MANSKE, 2021) em que uma pessoa indica outra, um maior número de estudantes. Com isso ampliamos nosso leque de abrangência de escolas e estudantes.

São alguns dados do primeiro semestre de 2021 que trazemos para conversar com o que tem despontado em outras pesquisas e análises de autores que realizam há anos estudos sobre a categoria social juventudes. Associamo-nos às interpretações de que não podemos considerá-los uma abstração ou uma generalização. Não constituem simplesmente uma etapa, uma passagem para uma (pretensa) vida adulta ou da imaturidade para a maturidade. A própria ideia de que são despojados de experiência foi refutada ainda em meados do sec. XX por Walter Benjamin (2009), que criticou a idade da experiência como sendo apenas a adulta. Para ele "a quantidade de vivências não determina a qualidade da experiência" (2009, p. 818). E o erro é um elemento para se chegar à verdade não constituindo uma característica geracional, portanto. O autor arrematou que "a experiência é carente de sentido e espírito apenas para aquele já desprovido de espírito (BENJAMIN, 2009, p. 23).

Em estudo sobre o conceito experiência em Benjamin temos que

> O filósofo faz uma crítica à sociedade hierarquizada na qual a ideia propagada pelos mais vividos, pais, pedagogos, políticos, de que a idade adulta seria a idade da experiência, daqueles que já viveram tudo e possuem a sabedoria, desvaloriza a juventude enquanto potencial de conhecimento e sensibilidade. (PIRES, 2014, p. 818).

É essa mesma sociedade hierarquizada (ou parte dela, a que detém poder político e econômico) que tenta jogar nas costas de crianças e jovens a conta da exploração desenfreada - no sentido mais largo - de pessoas,

animais, rios, florestas, solos etc. É uma espécie esvaziada de sentidos, imersa no consumismo como um fim em si mesmo que hoje está levando crianças e jovens à rua para reivindicar seus direitos ao futuro, conforme citado anteriormente. São justamente os considerados mais experientes que, mesmo diante da sinalização da ciência, mediante estudos que atravessam décadas, apontando para os perigos concretos de tais movimentos, persistiram em um modelo predatório que joga a maioria para a margem. Nessa radicalização da opressão, naturaliza-se (sub)existências e subalternidades invisibilizando-as sob o manto da meritocracia. Para Ailton Krenak (2020, p. 6), "[...] estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdade entre os povos e sociedades. De modo que há uma sub-humanidade, sem chance de sair dela – e isso também foi naturalizado".

Há no entender de Krenak uma "abstração civilizatória" (2020, p. 7) que suprime todos que não se encaixam em determinados padrões sustentados por narrativas que desprezam a pluralidade e diversidade. Para nós a "abstração civilizatória" corresponde à própria desumanização da cidade. Essa desumanização da cidade ou de parte dela afeta em especial aqueles que, no presente, são crianças e jovens, cujos números em estatísticas nos convocam à reação. Pesquisa do IBGE – PNAD contínua, datada de 2020, indicava que os mais jovens eram as principais vítimas do desemprego no país. Garotos e garotas entre 18 e 24 anos compunham 27,1% dos desempregados, número muito superior ao da média nacional de 12% na época (IBGE-PNAD, 2020). Nesse sentido, espremidos por políticas públicas ineptas, é crescente o subemprego, os *bicos*, a *uberização* que chega a ocupá-los por três turnos e os afastam, inclusive, da possibilidade de estudar no ensino formal.

Inspirados nesses constructos, pretendemos refletir sobre alguns impactos que o 'Ensino Remoto', está ocasionando na formação de jovens estudantes do Ensino Médio público em Rio Grande, RS. Consideramos essencial exercitar a escuta e compreender a partir dos próprios sujeitos seus sentimentos e os desafios que estão enfrentando durante a pandemia. Realizamos recortes dentro do questionário da pesquisa referentes aos temas *Ensino Remoto* e a relação *Educação e Trabalho*. Ressaltamos que os dados

são preliminares, uma vez que tal questionário continuará a ser aplicado durante o ano letivo de 2021 e 2022. Desse modo, até o momento da elaboração do artigo, a pesquisa havia alcançado cento e cinquenta (150) jovens estudantes do ensino médio, moradores de vinte e nove (29) diferentes bairros da cidade, em oito (8) escolas públicas do Rio Grande, RS. Desse total, 62% das pessoas entrevistadas são do gênero feminino, enquanto 36,7% do gênero masculino enquanto 1,3% preferiram não responder. Já a média de idade variou entre quatorze (14) e dezoito (18) anos.

No bloco de perguntas sobre o *Ensino Remoto*, questionamos os jovens sobre a qualidade no acompanhamento das tarefas e aulas propostas no ambiente virtual. Nesse sentido, notamos que 52% relataram não estar conseguindo acompanhar de maneira qualitativa as atividades. Resolvemos questionar para esse grupo quais as dificuldades que estão enfrentando com a modalidade. Com base nas respostas obtidas, foi possível agrupar, a princípio, em quatro (4) principais dificuldades relatadas, sendo esses: *cansaço emocional, físico e psicológico desses jovens durante a pandemia; falta de interesse no Ensino Remoto; conflitos de horários; e falta/precariedade de acesso à internet.* Ainda nesse sentido, observamos que mais de 30% dos jovens entrevistados conhecem no mínimo um colega que não está conseguindo acompanhar as atividades remotas, com relatos de desistência e evasão escolar.

Em relação a como os jovens se sentem no quesito falta das aulas presenciais e do ambiente escolar notamos que 86% responderam positivamente, e elencaram repetidas vezes principalmente a *ausência das explicações/orientações presenciais de professores* além da *socialização com amigos e colegas.* Consideramos importante destacar que apesar de sentirem falta do ambiente escolar, os jovens em sua ampla maioria, mais de 79%, não são favoráveis ao retorno das aulas presencias enquanto houver pandemia e/ou antes de todas as pessoas estarem vacinadas.

Por outro lado, também consideramos importante questionar o que não sentiam falta dentro do ambiente escolar que antecedeu a pandemia, uma vez que a compreensão desses elementos pode auxiliar na dinâmica curricular e

elaboração de aulas e atividades. Nesse sentido, os jovens destacaram negativamente as *provas* como o único/principal instrumento avaliativo nas escolas; além do *bullying* como algo ainda presente e que precisa ser debatido e confrontado no ambiente escolar.

Já na relação entre Trabalho e Educação, comparamos o antes e durante a pandemia, onde observamos que o número de jovens que trabalham e estudam subiu de 7,2% (antes) para 22% (durante). Desse número, 76% são jovens que moram em bairros periféricos da cidade e apenas 24% em bairros centrais. Com relação aos postos de trabalho ocupados, apenas 24% dos jovens possui vínculo formal. Esse aumento drástico no número de estudantes trabalhadores pode estar associado a uma série de fatores, como o complemento da renda familiar, já que 47,3% afirmou ter algum parente que ficou desempregado durante a pandemia. Ao mesmo tempo, percebemos um acirramento na disputa do tempo desses sujeitos, que antes frequentavam as escolas e hoje encontram dificuldades para acompanhar as aulas remotas devido as demandas urgentes da sobrevivência. De acordo com os dados, temos que em média um (1) a cada cinco (5) jovem, que respondeu ao questionário, está envolvido com o mercado de trabalho, exercendo funções que em geral não oferecem nenhum tipo de estabilidade. Isso, por sua vez, sinaliza que a precarização do trabalho está avançando sobre as juventudes em Rio Grande, RS, especialmente, as juventudes que moram nas periferias.

Observamos, portanto, uma deterioração da condição ecológica juvenil entre estudantes do ensino médio público, neste recorte representados por jovens da cidade do Rio Grande, RS. Na sequência o conceito é discutido no contexto de uma pesquisa no doutorado em educação ambiental da FURG.

CONDIÇÃO ECOLÓGICA JUVENIL: NEXOS E RELAÇÕES ENTRE A JUVENTUDE RURAL E URBANA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E POPULAR

Segundo Weller (2011), análises comparativas de alguns grupos juvenis urbanos e periféricos de *rap* atuantes em São Paulo e Berlin, traz a tona a potência da juventude em se reinventar e transformar a sua realidade desigual

em uma condição em que sua própria identidade (considerada problemática para a maior parte da sociedade), pode ser uma ferramenta de mudança e/ou transformação em meio a contextos adversos que vão desde desigualdades socioeconômicas até a superação e luta contra o racismo (no caso dos jovens de São Paulo) e contra a xenofobia (no caso de Berlin, onde os grupo eram formados por descendentes de turcos).

Em destaque, a compreensão de uma "dialética da juventude" (GROPPO, 2004) é imprescindível para que possamos entender os diferentes movimentos dos grupos juvenis na contemporaneidade dentro de seus contextos, e correlacionar com as demais categorias sociais históricas que reconstroem as relações dos jovens na atualidade. Portanto, é necessário entender a as "rebeldias" dos jovens para além de anomias sociais ou disfunções, e compreender que há na diversidade da juventude uma gama também de problemáticas e barreiras impostas a esses sujeitos (GROPPO, 2009). É imprescindível compreendermos os jovens para além de suas "delinquências" ou "selvagerias", como nos aponta o sociólogo supracitado, pois mesmo dentro do campo da sociologia clássica, assim era tratados os filhos dos trabalhadores e outros jovens das camadas populares. Fugir da incompreensão dos fenômenos problemáticos que cercam a juventude é o epicentro desta pesquisa.

Entender os jovens e as políticas públicas (SPOSITO; CARRANO, 2003) se faz necessário principalmente para que possamos compreender como ocorreu a construção da juventude e de seus direitos, assim como entender como os jovens são vistos na atualidade e, desse modo, contribuir para um prognóstico mediante elementos que apontem para um novo ciclo de direitos e políticas em prol da juventude rural e urbana.

Os percursos dos jovens da cidade são complexos (CARRANO, 2003; CHAIGAR, 2015), pois há uma disputa constante pela cidade e por seus espaços. O urbano (LEFEBVRE, 2004) se configura por sua complexidade, principalmente por um discurso de que se constitui como uma salvação, em especial para quem vem do campo, e nesse caso, a juventude rural. A juventude se coloca também como um dos grupos que resiste e luta pelo direito

à cidade (LEFEBVRE, 2001) e convive com as mais profundas mazelas e precariedades que se apresentam nas cidades contemporâneas (DAVIS, 2015).

A juventude rural (BARCELLOS; MANSAN, 2014) é fundamental no comparativo com a juventude urbana. Entender os seus problemas e projetos é essencial para traçarmos um panorama da condição juvenil na atualidade. Sublinhamos que a juventude rural brasileira é protagonista na luta pelos movimentos ambientais e sociais, assim como no contexto geral da juventude, foi ator político fundamental para estabelecimento de inúmeras políticas públicas para a categoria (CASTRO, 2016). Assim, a relação socioambiental que se dá no contexto rural, se configura dentro de uma perspectiva de desigualdades estabelecidas em cima de injustiças ambientais (ACSELRAD, 2009a). Portanto, dentro desse contexto socioambiental, os jovens se colocam como uma alternativa de superação de algumas das contradições vivenciadas por esses sujeitos, entre a correlação meio ambiente, campo e cidade (ACSELRAD, 2009b; SWYNGEDOUW, 2009).

Cabe ressaltar que dentro da sociedade brasileira, a juventude tem um espaço considerável que remonta ao período da ditadura militar, aonde os jovens estudantes protagonizaram ações e movimentos políticos (SPOSITO; TARÁBOLA, 2016). Foi emergente a luta encabeçada por jovens durante esse período e durante o período chamado de redemocratização. Nesse momento, em finais do século XX, os jovens passaram de um problema social para algo extremamente imprescindível em uma coalizão de forças que impulsionasse uma transformação sociopolítica. A juventude brasileira, portanto, segundo Dayrell e Carrano (2014), é na sua maior parte uma juventude empobrecida, com baixos níveis de escolaridade, com um cotidiano encravado no desemprego ou trabalho precário, tendo desse modo uma vida em contexto incerto, com pouca perspectiva de melhora de vida. Podemos somar a esse "caldo" social o crime como o tráfico, as organizações criminosas e os homicídios. Por mais que nas últimas décadas - sobretudo nos últimos dez anos - as políticas públicas tenham avançado com os governos mais democráticos e progressistas, a juventude segue necessitando de avanços

nesse sentido, por mais que estejamos sob a égide de governos de direita e/ou não tão progressistas assim.

O crescimento de posicionamentos e condutas "bolsonaristas" e fascistas, e de agendas conservadoras são visíveis e alarmantes no meio dos jovens também (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2018). Assim como a partir de 2016 muitos investimentos em diversos setores foram cortados, inclusive na educação e, com isso, uma série de ataques a profissão docente fossem feitos, junto a precarização da educação pública e a elaboração de projetos conservadores, como o Escola Sem Partido[9] (GONÇALVES; SEVERO, 2019). Esses projetos conservadores visavam à despolitização dos adolescentes e jovens, assim como a criminalização dos professores e professoras e a legitimação de um discurso de que nas escolas, havia doutrinação para cima do estudante. Aprofunda-se também atualmente, o crescimento de organizações criminosas, e consequentemente, o número de jovens envolvidos com facções e violência extrema (ROLIM, 2016). Em meio a todos esses conflitos, cabe lembrarmos as ocupações das escolas por parte dos estudantes (SEVERO; SAN SEGUNDO, 2017) aqui no Rio Grande do Sul, processo de luta e de mobilização extremamente importante, indo contra o processo de despolitização que estava sendo imposto.

Com base nesse panorama e a partir da dimensão da *experiência* em Thompson (1987), estamos tentando sistematizar de forma qualitativa como os jovens do campo e da cidade, se organizam em prol das questões socioambientais e estão dessa forma, questionando o sistema em que vivem e que perpetua e aprofunda as crises do agora e do porvir. Após levantamento bibliográfico para organização do Estado da Arte. partiremos para uma

[9] A partir de 2016, os investimentos em diversos setores, em especial na educação, são reduzidos, assim como a proposta de expansão do ensino público superior. Passa-se, de forma sistemática, tanto no aporte para infraestrutura quanto para pesquisa, para uma política de precarização proposital do ensino público de maneira agressiva, a ponto de, em alguns casos, haver pronunciamento de reitorias sobre a impossibilidade de fechamento das contas. A hipótese levantada é de que haja um duplo ataque ao ensino público: de um lado a pauperização dos profissionais da educação e da estrutura montada e, de outro, a difamação destes profissionais como "doutrinadores esquerdistas". O projeto Escola Sem Partido (ESP) questiona a educação pública com o objetivo de privatizá-la. Como bem nota Frigotto (2017), na "educação, o núcleo empresarial golpista e seus intelectuais aninham-se sob a aparência cívica do 'Todos pela Educação' e do 'Escola sem Partido'". (GONÇALVES; SEVERO, 2019).

pesquisa com amostra regional e/ou nacional com movimentos, organizações, coletivos que lutam em prol da justiça ambiental, da sustentabilidade, do meio ambiente ou que possa pensar alternativas à "ruptura metabólica "(FOSTER, 2012).

Da mesma forma, também tentarei compreender outras formas de lutas pelo meio ambiente (que não sejam organizadas ou coletivas), que possuem como objetivo ressignificar a relação sociedade e natureza/meio ambiente, e que possa nos auxiliar no mapeamento de uma condição ecológica juvenil para uma educação ambiental e popular que supere as desigualdades e injustiças socioambientais.

O objetivo central é de construir contribuições teórico-metodológicas para a elaboração de uma educação ambiental e popular *com* a juventude e não *para*, da mesma forma que construirei um mapeamento dos limites e avanços das perspectivas da condição ecológica Juvenil. A importância de permitir trabalhar com os jovens como sujeitos sociais (DAYRELL, 2000) e que através de suas práticas e experiências possam projetar uma educação ambiental crítica (LAYRAGUES; LOUREIRO, 2013) que retome um saber ambiental (LEFF, 2015) que seja plural (KRENAK, 2020), mas que venha a superar tanto as problemáticas do neoliberalismo quanto do socialismo real (LÖWY, 2000).

A PANDEMIA COMO DETONADOR DA CRISE DO CAPITAL

Como aponta Fontes (2017) "as crises sociais e históricas do passado são diferentes, porque eram crises por escassez, na atual crise, o capitalismo produz crises por excesso" e esse é o principal diferencial do sistema capitalista no estágio que está. No atual momento, estamos escolhendo entre a vida ou o lucro (YAZBEK, 2020). Assim como apontou de forma brilhante o pesquisador Jason Moore, "Wall Street é uma maneira de organizar a Natureza" e por isso precisamos aprender a dividir o Antropoceno do

Capitaloceno[10]: uma coisa é a experiência humana e outra a dos mercados, do capital em si. Quando o capitalismo não está em crise, ele explora dramaticamente a classe trabalhadora em busca de mais capital. E quando está em crise (porque acumulou demais e explorou demais), derrama a crise sobre os trabalhadores de uma forma mais violenta. O capitalismo é um sistema econômico que tem como modo de ser e de produzir crises. Dessa forma, temos que entender de que forma chegamos nesse "colapso ambiental". A pandemia não é um caso isolado. A pandemia é um dos sintomas, um dos detonadores dessa crise capitalista e ecológica.

Em *A Cruel Pedagogia do Vírus*, Boaventura de Sousa Santos (2020) faz um apontamento imprescindível e alarmante para que possamos considerar que a crise do vírus não é algo isolado, mas um "sintoma" de algo bem mais profundo e perigoso:

> O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito além disso. Eis alguns dos sentidos que nela se exprimem. O invisível todo-poderoso tanto pode ser o infinitamente grande (o deus das religiões do livro) como o infinitamente pequeno (o vírus). Em tempos recentes, emergiu um outro ser invisível todo-poderoso, nem grande nem pequeno porque disforme: os mercados. Tal como o vírus, é insidioso e imprevisível nas suas mutações, e, tal como deus (Santíssima Trindade, incarnações), é uno e múltiplo. Exprime-se no plural, mas é singular. Ao contrário de deus, os mercados é omnipresente neste mundo e não no mundo do além, e, ao contrário do vírus, é uma bendição para os poderosos e uma maldição para todos os outros (a esmagadora maioria dos humanos e a totalidade da vida não humana). Apesar de omnipresentes, todos estes seres invisíveis têm espaços específicos de acolhimento: o vírus, nos corpos; deus, nos templos; os mercados, nas bolsas de valores. Fora desses espaços, o ser humano é um ente sem-abrigo transcendental (SOUSA SANTOS, 2020, p. 11).

Os processos na qual nos encontramos, tem muito que serem relacionados com uma lógica monstruosa de destruição que está em curso. O

[10] Estamos realmente vivendo o Antropoceno – com seu retorno a um ponto de vista curiosamente eurocêntrico da humanidade e sua confiança em noções e recursos bem estabelecidos e consolidados de seu determinismo tecnológico – ou estamos vivendo o Capitaloceno, uma era histórica formada por relações que privilegiam a acumulação interminável de capital? (MOORE, 2013).

capitalismo que conhecíamos e que já colocava novos desafios para a maior parte da população, nunca mais será o mesmo, será pior. Nos últimos anos e é necessário que venhamos a apontar isso de forma veemente, a atualização do capitalismo, ou a "uberização" do capital (FONTES, 2017) vem provocando um desmanche geral na sociedade, no Estado capitalista, propiciando um processo de austeridade sobre as populações, produzindo uma série de problemas através da retirada de direitos e estabelecendo o fim de muitas políticas públicas que garantiam uma mínima dignidade humana para as populações, principalmente para as camadas populares mas vulneráveis.

Como disse o psicanalista Christian Dunker (2020), "Sobreviver neste momento, não é pouca coisa" e, por isso, destacamos que a mais simples resistência e movimento das juventudes nesse contexto catastrófico, não é tão simples assim.

> A Caixa de Pandora está aberta, e o nosso implacável sistema econômico está tornando tudo muito pior. Coronavírus é o velho filme que temos visto repetidamente desde que o livro de Richard Preston, The Hot Zone, de 1995, nos apresentou ao demônio exterminador, nascido em uma misteriosa caverna de morcegos na África Central, conhecida como Ebola. Foi apenas o primeiro de uma sucessão de novas doenças que irromperam no "terreno virgem" (esse é o termo apropriado) do sistema imunológico inexperiente da humanidade. O Ebola foi logo seguido pela gripe aviária, que se propagou aos humanos em 1997, e pelo SARS, que surgiu no final de 2002. Ambos os casos apareceram primeiro em Guangdong, o centro de produção mundial. (DAVIS, 2020).

Neste momento atual, o que mais nos chama a atenção são as condições nas quais estamos vivenciando e experenciando tais transformações e que, infelizmente, nos pegam em meio a várias crises, dentre elas as de gestão dos Estados capitalistas em relação as populações. Isso se intensifica de modo negativo se formos observar os países subdesenvolvidos ou aqueles em que a desigualdade é abissal, como é o caso do Brasil, onde os impactos sobre a população em vulnerabilidade está sendo e será catastrófico. A única saída para enfrentamento da pandemia será de políticas públicas com reforço orçamentário, aonde a saúde pública, educação e pesquisa científica seja prioridade (HALLAL, 2020).

O processo se aprofunda e Davis (2020) reflete nesse sentido, apontando que mesmo em países como os Estados Unidos, haverá grandes problemas tendo em vista as fragilidades existentes na relação classes/faixas etárias:

> (...) tal como as influenzas anuais, este vírus está em mutação à medida que circula através de populações com diferentes composições etárias e condições de saúde. A variação que os americanos irão muito provavelmente contrair já é ligeiramente diferente da do surto original em Wuhan. Mutações adicionais podem ser benignas ou podem alterar a difusão atual do vírus, que aumenta drasticamente após os 50 anos de idade. O coronavírus é no mínimo um perigo mortal para os americanos que são idosos, têm sistemas imunitários fracos ou problemas respiratórios crônicos. (DAVIS, 2020).

Por esse motivo Mike Davis (e nem mesmo Marx), separa natureza[11] de cultura, pois a apropriação e exploração da sociedade e da natureza são questões pelas quais a sociedade se interessa. De outra forma, por mais que a pandemia esteja avançando, em determinados países, a resposta sanitária foi eficiente. Para além do conhecimento limitado sobre o novo Coronavírus, também há obstáculos nas vontades políticas, ideológicas e econômicas do enfrentamento a esse vírus ou a outro qualquer[12].

Refletir sobre as questões socioambientais é refletir, também, sobre as desigualdades e, nessa questão, David Harvey[13] ressalta as problemáticas

[11] Há muito tempo eu tinha recusado a ideia de "natureza" como alheia e separada da cultura, economia e cotidiano. Eu tenho uma visão mais dialética e relacional da ligação metabólica com a natureza. O capital modifica as condições ambientais de sua própria reprodução, mas o faz num contexto de consequências não intencionais (como as mudanças climáticas) e contra as forças evolutivas autônomas e independentes que estão perpetuamente remodelando as condições ambientais. Deste ponto de vista, não existe um verdadeiro desastre natural. Os vírus mudam o tempo todo. Mas as circunstâncias nas quais uma mutação se torna uma ameaça à vida dependem das ações humanas. (HARVEY, 2020)

[12] O insuficiente conhecimento científico sobre o novo coronavírus, sua alta velocidade de disseminação e capacidade de provocar mortes em populações vulneráveis geram incertezas quanto à escolha das melhores estratégias a serem utilizadas para o enfrentamento da epidemia em diferentes partes do mundo. No Brasil, os desafios que se apresentam são ainda maiores, pois pouco se sabe sobre as características de transmissão da Covid-19 num contexto de grande desigualdade social e demográfica, com populações vivendo em condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso constante à água, em situação de aglomeração e com alta prevalência de doenças crônicas. (BARRETO et al. 2020)

[13] Esta "nova classe trabalhadora" está na vanguarda e suporta o peso de ser a força de trabalho que corre maior risco de contrair o vírus através de seus empregos ou de ser demitida injustamente por causa da retração econômica imposta pelo vírus. Há, por exemplo, a questão de quem pode e quem não pode trabalhar em casa. Isto agrava a divisão social, assim como a

sofridas pela classe trabalhadora e pela "nova classe trabalhadora", que são os milhares de trabalhadores e trabalhadoras que enfrentam a informalidade e outras tarefas que a situação pandêmica criou nos últimos dois anos. Em que pese, a situação se intensifica e se potencializa de acordo com as condições ambientais, climáticas e semelhantes que variam e que facilitam por vezes o avanço e a disseminação de outras doenças:

> Há dois aspectos relevantes nisto. Primeiro, as condições ambientais favoráveis aumentam a probabilidade de mutações fortes. É plausível, por exemplo, esperar que sistemas de fornecimento alimentar intensivos ou abusivos em subtrópicos úmidos possam contribuir para isso. Tais sistemas existem em muitos lugares, incluindo a China ao sul do Yangtse e do Sudeste Asiático. Em segundo lugar, as condições que favorecem a transmissão rápida através dos corpos hospedeiros variam muito. Populações humanas de alta densidade pareceriam alvos fáceis do hospedeiro. É bem conhecido que as epidemias de sarampo, por exemplo, só se manifestam em grandes centros populacionais urbanos, mas desaparecem rapidamente em regiões pouco povoadas. A forma como os seres humanos interagem uns com os outros, se movem, se disciplinam ou se esquecem de lavar as mãos afeta a forma como as doenças são transmitidas. Em tempos recentes a SARS, as gripes aviária e suína parecem ter saído da China ou do sudeste asiático. A China também sofreu muito com a gripe suína no ano passado, o que implicou o abate em massa de suínos e a escalada dos preços da carne de porco. Eu não digo tudo isto para acusar a China. Há muitos outros lugares onde os riscos ambientais de mutação e difusão de vírus são elevados. A gripe espanhola de 1918 pode ter saído do Kansas e a África pode ter incubado o HIV/AIDS, certamente iniciado o Nilo Ocidental e o Ebola, enquanto a dengue parece que floresceu na América Latina. Mas o impacto econômico e demográfico da disseminação do vírus depende de fissuras e vulnerabilidades preexistentes no modelo econômico hegemônico. (HARVEY, 2020).

Nessa perspectiva, com base nessas problemáticas e desafios colocados pela lógica capitalista, são muitos os jovens que se projetam através de movimentos, coletivos e organizações em prol da vida, da natureza e da

questão de quem pode se isolar ou ficar em quarentena (com ou sem remuneração) em caso de contato ou infecção. Exatamente da mesma forma que aprendi a chamar os terremotos da Nicarágua (1973) e da Cidade do México (1995) de "terremotos de classe", assim o progresso da COVID-19 exibe todas as características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça. Embora os esforços de mitigação estejam convenientemente camuflados na retórica de que "estamos todos juntos nisto", as práticas, particularmente por parte dos governos nacionais, sugerem motivações mais sinistras. (HARVEY, 2020).

sobrevivência. Esse é um apontamento imprescindível para a luta ambiental e para a sobrevivência da humanidade em tempos em que o mercado devora a tudo e todos. A hipótese que nos baseamos é que essa disputa em prol do Meio Ambiente estabelece e vem configurar uma nova cultura política entre os jovens.

Considerações Finais: Educação Ambiental e Popular – Uma utopia necessária para uma Condição Ecológica Juvenil

Qual o papel da educação ambiental nesse processo de mediação entre a juventude e a natureza? Qual o papel da Educação Popular em relação a construção de projetos que alcancem uma transformação realmente importante? Como os jovens podem construir uma resistência em meio a tantos retrocessos ecológicos, econômicos, culturais e socioambientais? Em tempos de pandemia, como construir um projeto de sobrevivência, pelo trabalho/emprego, pela dignidade, soberania alimentar, igualdade e tantas outras coisas necessárias a vida? Com certeza não será com um sistema que tem como base a destruição da natureza humana e não-humana para "sustentar" o lucro nas mãos de poucos. As preocupações são grandes como nos sublinha Altvater (2013):

> O sistema capitalista baseado em cima das energias fósseis transforma o sistema energético de um sistema aberto à radiação solar em um sistema fechado, isolado, porque as energias fósseis vêm do Planeta Terra mesmo, dos solos do Planeta Terra. E o que acontece com as emissões? A mesma coisa. As emissões da combustão e das energias fósseis permanecem na atmosfera, como o gás carbônico, com os efeitos conhecidos, Efeito Estufa e todas as consequências do Efeito Estufa, que hoje em dia já é uma fonte de preocupações em todas os órgãos internacionais, como muitos governos e no mundo dos movimentos sociais e ONGs também. (ALTVATER, 2013).

Nessa relação apontada por Altvater[14], podemos perceber a importância da dimensão apontada por Greta Thunberg, pelos jovens do MST ou por qualquer jovem

[14] É interessante, porque viver é uma tarefa que nós cumprimos se nós obedecemos às leis da natureza. Se nós seguirmos a ecologia. Viver é seguir a ecologia. Viver bem é aplicar à vida as regras da economia, no sentido de uma alocação eficiente de recursos. E isso instintivamente todos os seres vivos fazem. Viver melhor é uma iniciativa deliberada que nós tomamos para

periférico e que sobrevive em meio à desigualdade e constrói alternativas de resistência e sobrevivência em meio ao colapso ambiental do planeta. O sociólogo Sousa Santos (2020) também aponta questões centrais[15] na discussão científica que se encontra com as muitas lutas e movimentos que os jovens estão denunciando pelo mundo. A proposta dessa reflexão não é ser exaustiva e nem definitiva, principalmente por ela também estar em seu processo de desenvolvimento e ser complexa), mas propor uma exposição mesmo que peremptória do fenômeno em si, mas mantendo uma rigorosidade quanto ao Estado da Arte já levantado e aos apontamentos teórico-metodológicos

enriquecer a existência a partir daquilo que nós temos à nossa disposição. Aí entra, então, uma característica da... As percepções com que nós vemos a realidade; as nossas visões de mundo. O que prevalece no mundo atual, no capitalismo, que foi exposto na sua nudez pelo professor Altvater, é uma visão pré-analítica, como diria Schumpeter, que considera a economia fora da natureza. Na visão da teoria econômica dos economistas a natureza é, quando muito, um apêndice, quando muito um penduricalho, um berloque da economia. Porque normalmente nem sequer com essa perspectiva tão diminuída, tão rebaixada, a natureza aparece. Numa perspectiva, digamos, ecológica, como aqui ele propõe, a natureza é o grande todo e a economia fica situada dentro desse grande todo. Submetida a uma hierarquia, a hierarquia da natureza. Então, é a natureza que manda na economia e não o contrário. Mas nós recebemos um mandamento de que o homem deve subjugar a natureza. De certa forma um tanto simbolicamente, mas isso foi traduzido em mandamento efetivo pelo cientificismo, pelo racionalismo, pela visão cartesiana. A ponto de a natureza ser tratada pelos economistas com uma lógica que não é necessariamente a lógica do funcionamento do mundo biofísico, como se a economia funcionasse de uma forma e o mundo biofísico de outra. (ALTVATER, 2013)

[15] A poluição atmosférica é o mais trágico exemplo do segundo tipo de crise. Como noticia o *The Guardian* de 5 de Março de 2019, segundo a Organização Mundial de Saúde a poluição atmosférica, que é apenas uma das dimensões da crise ecológica, mata anualmente 7 milhões de pessoas. Segundo a Organização Mundial de Meteorologia, o gelo da Antártida está a derreter seis vezes mais rapidamente do que há quatro décadas, e o gelo da Groenlândia, quatro vezes mais rapidamente do que se previa. Segundo a ONU, temos dez anos para evitar a subida de 1,5 graus de temperatura global em relação à época pré industrial, e em qualquer caso vamos sofrer. Apesar de tudo isto, a crise climática não suscita uma resposta dramática e de emergência como a que a pandemia está a provocar. E o pior é que enquanto a crise da pandemia pode ser de algum modo revertida ou controlada, a crise ecológica já é irreversível e agora há apenas que procurar mitigá-la. Mas mais grave ainda é o facto de as duas crises estarem ligadas. A pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje a chegar a sua etapa final. É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica. Ora, uma das características essenciais deste modelo é a exploração sem limites dos recursos naturais. Essa exploração está a violar de maneira fatal o lugar da humanidade no planeta Terra. Esta violação traduz-se na morte desnecessária de muitos seres vivos da Mãe Terra, nossa casa comum, como defendem os povos indígenas e camponeses de todo o mundo hoje secundado pelos movimentos ecologistas e pela teologia ecológica. Essa violação não ficará impune. As pandemias, tal como as manifestações da crise ecológica, são a punição que sofremos por tal violação. Não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de pura autodefesa. O planeta tem de se defender para garantir a sua vida. A vida humana é uma ínfima parte (0,01%) da vida planetária a defender. (SOUSA SANTOS, 2020)

organizados e sistematizados para auxiliar na compreensão do caso em si. Citadas as problemáticas acima, apresentamos a hipótese de que a questão ambiental tem se tornado uma luta ambiental entre as juventudes e vem se intensificando. De igual forma, apontamos que a opção imprescindível que deve ser feita por quem deseja desenvolver uma educação ambiental e uma educação popular transformadora, tenha que ser uma opção por compreender que as desigualdades socioeconômicas possuem o mesmo ponto de partida das injustiças ambientais. Concordamos com Miéville (2019) para quem a luta é contra o sistema.

> A luta por justiça ecológica é também uma luta contra tal sistema, porque há imensos lucros na injustiça. A batalha não será sempre sobre mudança climática catastrófica ou expropriação de terra: no neoliberalismo, até disputas locais sobre momentos fugazes de verde são lutas contra o poder. Os protestos que abalaram a Turquia em 2013 começaram com os planos do governo para construir sobre o Parque Gezi, um dos últimos espaços verdes em Istambul. (MIÉVILLE, 2017,n.p.).

Atualmente ultrapassamos todos os limites que cerceavam a barbárie, e seus rastros se espalham pelo planeta levando jovens a deixarem de problematizar apenas em suas salas de aulas para somarem-se a outros tantos ao redor do mundo, em ações diversificadas como as citadas ao longo do artigo. São vozes poderosas e empoderadas que colocam esta geração no centro dos debates políticos ambientais. Sabem que é a luta o que lhes resta na construção de horizontes que não percam de vista a utopia. Desta forma, apontamos que mesmo em meio as inúmeras dificuldades vivenciadas pelos jovens urbanos e rurais (ou do campo e da cidade), é a compreensão das diversas experiências apresentadas e desenvolvidas pelos jovens em favor do Meio Ambiente de forma ampla, que nos permite prospectar para os novos ciclos sócio-históricos, uma educação ambiental e popular que supere as contradições socioambientais (intensificadas pelo Covid-19) apresentadas para a condição ecológica juvenil.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça ambiental**? 2009.

ACSELRAD, Henri. A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. In: **A duração das cidades:** sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2001. p. 240-240.

AGÊNCIA BRASIL. **IBGE**: taxa de desemprego de jovens atinge 27,1% no primeiro trimestre. 15/5/2020. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/. Acesso em: 18 mar. 2021.

ALTVATER, Elmar. O fim do capitalismo como nós o conhecemos. **Recife, Fundação Joaquim Nabuco–FUNDAJ (Sala Calouste Gulbenkian)**, v. 16, 2013.

ALVES, Daniel Cardoso. Os legados de Paulo Freire e Greta Thunberg diante de um cenário brasileiro de embates político-ideológicos. **Temporalidades**, v. 12, n. 1, p. 797-826, 2020.

BARCELLOS, Sergio Botton; MANSAN, Paulo Rogério Adamatti. Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil: Balanço, Perspectivas e Questões para o Debate. In: MENEZES, Marilda Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sergio Botton (Orgs.). **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. 2014.

BARCELLOS, Sérgio Botton; PÁDUA, Jacqueline de Freitas; FERREIRA, Samuel Crissandro Tavares; PORCIÚNCULA, Pierri Araújo; LAZZARI, Elisângela. Apontamentos Sobre o Mapeamento dos Conflitos Socioambientais no Brasil Relacionados com a Juventude Rural. In: BARCELLOS, Sérgio Botton. (Org.). **Juventude Rural e Conflitos Socioambientais no Brasil:** Existências e resistências. 1.ed. Curitiba: Appris, 2021.

BARRETO, Mauricio Lima et al. **O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil**?, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Ensaios reunidos**: escritos sobre Goethe. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A Juventude É Apenas Uma Palavra. In: BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 112-121.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Ambientalismo e juventude: o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea. In: R. NOVAES; P. VANNUCHI (orgs.), **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo, Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, 2004. p. 45-68.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e Cidades educadoras**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista latinoamericana de ciências Sociales, Niñez y juventud**, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude rural, do campo, das águas e das florestas: a primeira geração jovem dos movimentos sociais no Brasil e sua

incidência nas políticas públicas de juventude. **Política & Trabalho**, n. 45, 2016.

CHAIGAR, Vânia Alves Martins. Aprendizagens e itinerários juvenis: cidade e cidadania sob o véu de narrativas e memórias. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Orgs.). **Ensino e Pesquisa em educação geográfica:** memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 295-318.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, 40-52, 2003.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

DAVIS, Mike. The Coronavirus Crisis Is a Monster Fueled by Capitalism. In these times. In: DAVIS, Mike, et al: **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DAYRELL, JUAREZ; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: Quem é esse aluno que chega à escola? In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). **Juventude e ensino médio:** sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, 8.

ESTEBAN, Maria Teresa; TAVARES, Maria Tereza Goudard. Educação Popular e a Escola Pública: antigas questões e novos horizontes. In: STRECK, Danilo; STEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Educação Popular:** lugar de construção social coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FERREIRA, Samuel Crissandro Tavares. E se a cidade fosse nossa: a educação popular contribui na emancipação e na humanização das juventudes na cidade?. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, 2018.

FERREIRA, Samuel Crissandro Tavares. **E se a cidade fosse nossa**: a educação popular contribui na emancipação das juventudes na cidade? [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx**, v. 5, n. 8, p. 45-67, 2017.

FONTES, Virgínia. Capitalismo, crises e conjuntura. **Serviço Social & Sociedade**, p. 409-425, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. Contexto, 1989.

GONÇALVES, Leonardo Dorneles; SEVERO, Ricardo Gonçalves. Programa Escolas Sem Partido: Despolitização radical e redirecionamento ideológico na Educação Pública. **Educação em Revista**, Marília, v.20, n.1, p. 69-84, Jan.-Jun., 2019.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do COGEIME**, v.13, n. 25, p. 9-22, 2004.

GROPPO, Luís Antonio. O funcionalismo e a tese da moratória social na análise das rebeldias juvenis. **Estudos de Sociologia**, v. 14, n. 26, 2009.

GROPPO, Luís Antonio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em tese**, v. 12, n. 1, p. 4-33, 2015.

HALLAL, Pedro Curi. **Resistência e resiliência em tempos de pandemia**. 2020.

HARVEY, David. Política anticapitalista en la época de COVID-19. Lobo Suelto. In: DAVIS, Mike, et al (Orgs.) **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

KRENAK, Aílton. **O amanhã não está à venda**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRISCHKE, Paulo J. (Org.). **Ecologia, juventude e cultura política**: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do Cone Sul. Florianópolis, Editora da UFSC, 2000.

LEFEBVRE, Henri**. A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LOOSE, Eloisa Beling. **Repercussão das Greves pelo Clima e do Efeito Greta na Cobertura Brasileira**: Análise das Notícias Publicadas em 2019 no G1 e UOL. Comunicación y Cambio Climático. 2019.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, educação e saúde**, v. 11, p. 53-71, 2013.

LÖWY, Michael. De Marx ao ecossocialismo. In: LÖWY, Michael.; BENSAÏD, Daniel. **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo, Xamã, p. 227-38, 2000.

MANSKE, Cione Marta Raasch. **A venda pomerana**: lugar sociopolítico, econômico e identitário *(1857-2021).* 238p. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

MARX, Karl. **Sobre a Questão Judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEJÍA, Marco Raúl. Pósfacio – La Educación Popular: Una Construcion Colectiva Desde El Sur y Desde Abajo. In: STRECK, Danilo; STEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Educação Popular:** lugar de construção social coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MIÉVILLE, China. Os Limites da Utopia. **Blog da Boitempo**. 03 de novembro de 2017. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2017/11/03/china-mieville-os-limites-da-utopia/ Acesso em: 20 set. 2021.

MOORE, Jason W. El auge de la ecologia mundo capitalista (I): las fronteras mercantiles en el auge y decadencia de la apropiación máxima. **Revista Laberinto** n. 38, p. 9-26, 2013.

OIT. ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Fourth edition. Updated estimates and analysis. 27 May 2020a. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_745963.pdf Acesso: 20/09/2021

PALUDO, Conceição. Educação Popular e Educação do Campo: nexos e relações. In: STRECK, Danilo; STEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Educação Popular:** lugar de construção social coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PAIS, José Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates:** jovens, trabalho e futuro. Porto, Portugal: Ambar, 2005.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucy M. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 53-63.

PIRES, Eloiza Gurgel. Experiência e Linguagem em Walter Benjamin. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 813-828, jul./set. 2014.

RIBEIRO, Diana Juciéle; STRECK, Eduarda Teixeira; RIBEIRO, Robson Thomas. No contexto do não sei: reflexões e dúvidas sobre as juventudes e a educação gaúcha em tempos de pandemia. **Caderno do Aplicação**, v. 34, n. 1, Porto Alegre, jan-jul. 2021.

ROLIM, Marcos Flávio. **A formação de jovens violentos**. Curitiba: Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2016.

SAMPAIO, Cristiane. "Sobreviver, neste momento, não é pouca coisa", diz o psicanalista Christian Dunker. **Brasil de Fato**: uma visão popular do Brasil e do mundo. Fortaleza – CE. 23 de dezembro de 2020. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2020/12/23/sobreviver-neste-momento-nao-e-pouca-coisa-diz-o-psicanalista-christian-dunker Acesso em: 23 set. 2021.

SANTOS, Milton. Os deficientes cívicos. **Folha de São Paulo**, 1999, 24 de agosto de 1999.

SEVERO, Ricardo Gonçalves; SAN SEGUNDO, Mario Augusto Correia. OCUPATUDORS: socialização política entre jovens estudantes nas ocupações de escolas no Rio Grande do Sul. **ETD-Educação Temática Digital**, v.19, n.1, p. 73-98, 2017.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

SOUZA, Morgana. 12° Jornada Nacional da Juventude Sem Terra: entrevista com Jailma Lopes. **MST**. 2021. Disponível em :

https://mst.org.br/2021/08/11/12a-jornada-nacional-da-juventude-sem-terra-entrevista-com-jailma-lopes/ Acesso: 31 ago. 2021.

SPOSITO, Marilia Pontes; TARÁBOLA, Felipe de Souza. Experiência universitária e afiliação: multiplicidade, tensões e desafios da participação política dos estudantes. **Educação & Sociedade**, v. 37, n.137, p. 1009-1028, 2016.

SPOSITO, Marilia Pontes; SOUZA, Raquel; SILVA, Fernanda Arantes. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, v. 44, 2017.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista brasileira de educação**, v. 24, p. 16-39, 2003.

SPOSITO, Marilia Pontes; SOUZA, Raquel; SILVA, Fernanda Arantes. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, v. 44, 2017.

STRECK, Danilo; ADAMS, Telmo. **Pesquisa Participativa, Emancipação e (des)colonialidade**. Curitiba: CRV, 2014.

SWYNGEDOUW, Erik. A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e "urbanização-ciborgue". In: ACSELRAD, Henri (Org.). **A Duração das Cidades:** Sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2. ed. Rio de Janeiro: lamparina, 2009. p. 99-120.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VENDRAMINI, Célia Regina. Experiência humana e coletividade em Thompson. **Esboços**: histórias em contextos globais, v. 11, n. 12, p. 25-36, 2004.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 241-260, 2006.

WELLER, Wivian. **Minha Voz é tudo que eu tenho**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

YAZBEK, André Constantino. Ou a vida ou o lucro: a disjuntiva neoliberal e a gestão política da morte em tempos de pandemia. **Voluntas**: Revista Internacional de Filosofia, v. 11, p. 47, 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2005.